



## **Narrativas visuais em contextos urbanos: Fotoetnografando a ocupação Flores do Campo**

### ***Visual narratives in urban contexts: Campo das Flores occupation Photoethnography***

Jaqueline de Araújo Vieira<sup>1</sup>

Este ensaio fotoetnográfico é dedicado aos moradores da Ocupação Flores do Campo.

Nos meios urbanos, são crescentes as lutas em torno do direito à moradia culminando quase sempre na formação de ocupações. Neste contexto, lócus de encontros que entrelaçam a falta de interesse e falta de políticas públicas destinadas a pôr fim à questão, passando pelo direito à cidade e interesses imobiliários, e a organização dos principais afetados e também agentes, os ocupantes. O presente trabalho fotoetnográfico busca retratar a organização dos moradores da Ocupação Flores do Campo localizada em Londrina - PR, em luta pelo direito de permanência na ocupação em situação irregular. Investimento do governo federal através do Programa Minha Casa Minha Vida, as obras tiveram início em meados de 2013 com previsão de entrega para o junho de 2015, porém após corte orçamentário ocorrido nas políticas internas da financiadora da obra, a Caixa Econômica Federal, o andamento do projeto foi interrompido. Após a paralisação das obras as casas permaneceram inóspitas por período maior de um ano, e em 30 de setembro de 2016 cerca de 400 famílias oriundas de diversas regiões de Londrina e adjacências ocuparam o Flores do Campo. Desde então, as famílias presentes no Flores do Campo sofrem com a iminente ameaça de desocupação por parte do poder público, sobretudo por a Caixa Econômica Federal, financiadora do programa, ter ganho na justiça o direito da reintegração de posse e a ocupação ser enquadrada como irregular.

Minha inserção no campo, no Flores do Campo, deu-se após o convite de profissionais da área da psicologia que prestam atendimento à comunidade para acompanhá-las. Inicialmente, me atentei se seria possível o uso da câmera fotográfica para registro em campo, já que a câmera pode ser um fator de intimidação e distanciamento, mas

<sup>1</sup>Atualmente, é graduanda do curso de Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: araujovieira.jaqueline@gmail.com.



ao me deparar com ações características de repressão policial, incluindo sobrevoo de helicóptero militar e viaturas policiais percorrendo as ruas estreitas e sem pavimentação, o uso da câmera fotográfica foi possível no primeiro campo. De certa forma, atribuí à ação de repressão ocorrida a possibilidade do uso de equipamento fotográfico sem maiores desconfianças por parte da comunidade, visto que as lideranças que me conduziram apresentando o território alegaram a necessidade do registro fotográfico mediante os possíveis abusos do poder policial, algo corriqueiro na ocupação. Além disso, os primeiros diálogos estabeleci junto aos moradores foi compartilhando minhas origens, que além de iniciante na pesquisa provinha de situação socioeconômica similares às apresentadas naquele espaço. Este contato também contribuiu para diminuir as barreiras quilométricas que pudesse se instalar entre nós. E outro fator também possibilitou esse traslado utilizando a câmera, a abertura da comunidade aos *colaboradores* externos, que são os membros dispostas a contribuir de alguma forma com aquela realidade. Tornei-me, portanto, colaboradora da ocupação. De julho a novembro de 2017, estive presente no Flores do Campo diversas vezes. Passei a integrar o grupo de comunicação popular criado por moradores e estudantes de jornalismo, onde ministrei oficinas de fotografia e vídeo, e idealizei e integrei o corpo docente do cursinho preparatório popular para o Enceaja (Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos), ministrando aulas de sociologia. Diante de tais acontecimentos, o uso da câmera se tornou constante e pude registrar diversos momentos, tais como as oficinas de comunicação popular, aulas do cursinho, festas, a creche comunitária, manifestações políticas, a única igreja, ruas, a ocupação do centro cívico municipal em busca de posicionamento da prefeitura frente ao déficit habitacional, e pôr fim a maior conquista da ocupação desde sua formação, o direito de permanência no território por mais 90 dias, conquistado após ação judicial que emitiu resposta favorável à comunidade na véspera da reintegração de posse, marcada para ocorrer em 22 de novembro de 2017.

As imagens que compõem este ensaio baseiam-se no olhar fotoetnográfico (ACHUTTI, 1997), que associa a fotografia ao olhar treinado do antropólogo durante o campo, na estética empregada pelo fotógrafo J. R. Ripper em seus trabalhos fotográficos e no olhar de perto e de dentro (MAGNANI, 2012) realizado por pesquisadores nos contextos urbanos. Busco, portanto, apresentar o cotidiano da ocupação em comum

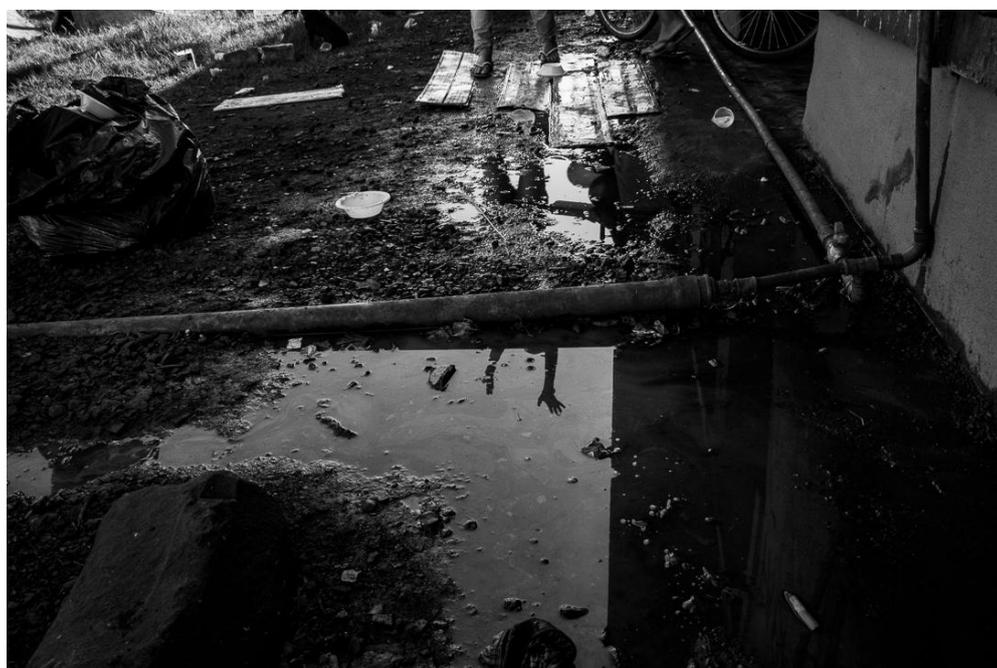


acordo com a comunidade retratada, uma espécie de *antropologia compartilhada*, termo adotado inicialmente nas pesquisas de campo envolvendo o uso da *antropologia visual* por Jean Rouch, e explorado por Sztutman (2009) no artigo “A utopia reversa de Jean Rouch: de Os mestres loucos a petit à petit”, onde o autor apresenta a produção etnográfica de Rouch e indica os caminhos percorridos pelo mesmo, atentando-se sempre às perspectivas dos nativos para conjunta do material visual. A comunidade do Flores do Campo conhece e concebe o trabalho fotoetnográfico, sendo este utilizado, a partir de estímulos do grupo de comunicação popular, para alimentar a página da ocupação mantida em uma rede social que contrapõe visões estereotipadas que os moradores sofrem e que reforçam noções racistas e classista, negligenciando ainda mais a luta pelo direito à moradia. Diante disso, a possibilidade de outro apontamento sobre o material já produzido e aqui apresentado: seu potencial uso mediante a politização da arte (BENJAMIN, 1955). Todas as imagens foram captadas entre julho e novembro de 2017.

Sobre os dados técnicos, utilizei de uma câmera digital Canon 7D e lentes 50mm e 18-55mm. Todas as imagens foram captadas em RAW, passando por tratamento de cor no programa Lightroom para evidenciar elementos de luz e sombra. As imagens em preto e branco foram captadas originalmente em cor.



**Figura 1.** Entrada da Ocupação Flores do Campo, acesso por rodovia marginal que liga o município de Londrina ao município de Ibiporã. A placa do Programa Minha Casa Minha Vida ainda se encontra avista, porém foi pixada logo nos primeiros dias de ocupação, segundo relato de moradores.



**Figura 2.** Sombra do menino parado frente ao barracão da igreja/creche. O vazamento de água era constante nesse espaço, que foi demolido na véspera da anunciada reintegração de posse suspensa em novembro.



**Figura 3. Foto tirada de dentro do barracão da igreja, pelas frestas da janela, homem construindo espaço para vender frutas e verduras na avenida principal da ocupação.**



**Figura 4. Menino brincando dentro do barracão da igreja, durante encontro do grupo de comunicação popular.**



**Figura 5. Altar da igreja com sede no único barracão para uso comunitário do espaço.**



**Figura 6. Vista de dentro de um dos prédios inacabados inóspitos para outros prédios inóspitos. Muitas das construções não foram ocupadas por falta de acabamento, como portas, janelas e telhados.**



Figura 7. Avenida principal da Ocupação Flores do Campo, sem pavimentação.



Figura 8. Durante aula do cursinho preparatório. As aulas ocorreram no barracão da igreja.



**Figura 9. Protesto realizado dentro da Ocupação a fim de questionar as autoridades pelo descaso sofrido.**



**Figura 10. Saindo da Ocupação em direção ao centro cívico municipal, onde terminaria em ocupação no gramado da prefeitura de Londrina.**



**Figura 11. Durante ato que terminou em ocupação do centro cívico municipal de Londrina. As famílias permaneceram por 6 dias acampadas frente a prefeitura cobrando o direito de moradia**



**Figura 12. Na véspera da desocupação que estava marcada para ocorrer em novembro, a polícia militar entrou durante o dia todo na ocupação. Sempre armada, reprimia os moradores que aguardavam a resposta se seriam ou não desalojados naquele dia.**



**Figura 13.** Após anúncio que não seriam mais desalojados e permaneceriam amparados juridicamente por pelos menos mais 90 dias na ocupação, homem comemora.

## Referências

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho. Porto Alegre: Tomo Editorial: Palmarinca, 1997.

BENJAMIN, Walter. A Obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: ADORNO, et al. Teoria da Cultura de Massa. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Paz e Terra. 2000. P. 221-254.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012. 249p.

RIPPER, João Roberto. Imagens Humanas. Rio de Janeiro: Dona Rosa Produções, 2009.

SZTUTMAN, Renato. A utopia reversa de Jean Rouch: de Os mestres loucos a Petit à petit. DEVIRES, Belo Horizonte, V. 6, N. 1, P. 108-125, Jan/Jun 2009. Link: [http://www.fafich.ufmg.br/devires/index.php/Devires/issue/viewIssue/12/pdf\\_5](http://www.fafich.ufmg.br/devires/index.php/Devires/issue/viewIssue/12/pdf_5). Acesso em: 04/03/2018.